



O TAPETE COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM UMA OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Eliane das Neves Moura

Universidade Federal de Mato Grosso, enmoura@terra.com.br

Resumo: O presente trabalho surge de uma oficina de contação de história realizada com professores dos anos iniciais de três escolas da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá – MT, por ocasião do Encontro do Grupo de Pesquisa em Políticas e Formação Docente da Universidade Federal de Mato Grosso. A oficina teve como objetivo proporcionar o primeiro contato com os professores que farão parte da minha pesquisa de doutorado bem como atender uma demanda de formação anteriormente solicitada. Após a realização da Oficina de contação de história, utilizando o tapete como recurso didático, propus aos participantes as seguintes questões norteadoras: A contação de histórias realizada hoje possibilitou quais aprendizagens para você? O que desta oficina você faria na sua prática docente? Como você utiliza a contação de histórias na sua prática docente? Compreendemos que as narrativas dos professores sobre as experiências vivenciadas permitem que estes pensem sobre sua prática e trajetória de formação, desvelando sua própria história e dando sentido as suas experiências pessoais e profissionais. Os professores demonstraram estar motivados para esse tipo de formação e abertos para novas práticas de leitura em sala de aula, utilizando diferentes recursos didáticos. Palavras-chave: Contação de história, narrativas, formação de professores.

INTRODUÇÃO

As histórias estão presentes em nossa cultura há muito tempo, e contar histórias é a mais antiga das artes, sendo que o hábito de ouvi-las e de contá-las tem inúmeros significados, está interligado ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de se expressar, à construção de identidade e aos cuidados afetivos.

Nas sociedades primitivas os contadores de histórias tinham um papel fundamental na difusão da história e na transmissão dos conhecimentos acumulados pelas gerações. Os contos de tradição oral viajaram do Oriente ao Ocidente através de séculos.

Segundo Yunes (2012), “a tradição dos estudos históricos ensina que a oposição entre contar e ler não se sustenta como prática de letramento. Assim como ouvir demanda atenção e falar pressupõe uma escuta, a leitura de um texto escrito não desqualifica a narração oral que porventura a antecede”. Os antigos contadores foram esquecidos, mas os contos tradicionais foram incorporados em nossa cultura.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Através do trabalho de coleta e registro dos contos da boca do povo, pelos Irmãos Grimm e Perraut é possível ler e ouvir até hoje os contos daquela época, em nossa casa ou na escola.

Primeiramente, esse contato da criança com o texto acontece oralmente, através da voz de algum familiar, contando contos de fada, histórias bíblicas, histórias inventadas, lembranças da infância e tantas outras.

A atual situação da contação de histórias no contexto familiar é revelada através de estudo realizado por Busatto, (2011, p.11), quando ao questionar uma plateia sobre as suas lembranças de ouvir histórias quando pequeno, apenas os participantes de 40 a 50 anos as possuíam. Os jovens presentes não retinham nenhuma lembrança de momentos de contação: ” -Quanto tempo faz que você não houve um conto de fadas? E um deles respondeu: - 17 anos. – E que idade você tem? Continuei: - 17 anos. ”

Atribui-se a diminuição do hábito de contação de histórias nas famílias como consequência dos diferentes recursos tecnológicos que fazem parte da modernidade, como a televisão, vídeos games e o computador, além da falta de tempo dos pais. No entanto, o fascínio que as histórias exercem sobre nós não mudou, pois quando se conta uma história lança-se um fio invisível que vai entrelaçando o narrador ao ouvinte, pelas suaves tramas da narração.

Se por um lado a família diminuiu o hábito de contar histórias, compete a escola retomar esse espaço para resgatar esses momentos tão importantes na vida do ser humano, a prática mais prazerosa e usada entre as pessoas: o ato de contar/ ouvir histórias. Segundo Prieto (1999, p.41), como educadores, o ato de contar histórias é uma postura a assumir:

Em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória.

Por isso, além de o professor promover a recuperação das narrativas populares, a contação de histórias lidas, ouvidas, imaginadas, histórias de contos de fada, de terror, de suspense, etc., assume a responsabilidade de transmitir a memória coletiva.

Abramovich (1989, p.16) salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A leitura deve ser trabalhada de uma forma prazerosa nas escolas, transformando-a em momentos de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte.

É imprescindível que os professores trabalhem diariamente com a literatura, a fim de que o aluno sinta, viva e descubra emoções que nem sempre podem ser experimentadas na realidade. Além de as histórias divertirem, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade.

Segundo Abramovich (1989, p. 17) ler ... “ é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! ”O método escolhido foi o da Pesquisa Narrativa, com base nos autores Connelly e Clandinin (1995) que acrescentam que a utilização das narrativas em pesquisas educacionais justifica-se porque os seres humanos são contadores de histórias que, individualmente e socialmente, vivem vidas relatadas, destacam que o estudo das narrativas representa a forma como nós seres humanos vivenciamos e experimentamos o mundo, ressaltam também que no contexto educativo aprendemos que a educação é a construção e re-construção de histórias de pessoas e coletivas e individuais dos atores que participam da construção do cotidiano da cultura escolar.

Dessa maneira, acredito que a pesquisa narrativa é um recurso teórico metodológico que permite a reconstrução da profissão docente, uma vez que faz emergir as trajetórias, as experiências, os valores, as concepções e os saberes docentes que permeiam as práticas dos professores, permitindo que as lembranças sejam reorganizadas à medida que fatos passados são trazidos para o presente, a fim de serem reinterpretados, favorecendo o processo formativo realizado a partir da reflexividade sobre a prática pedagógica.

A partir dessas considerações, cremos que a pesquisa narrativa contribuirá no contexto de nossa investigação, nos permitirá trabalhar com a dimensão subjetiva dos professores, estimulando-os a contarem suas histórias, o que favorece o fornecimento de informações sobre suas angústias, situações conflituosas, construção de suas aprendizagens docentes e características de sua prática docente.

Connelly e Clandinin (1995) acrescentam que a utilização das narrativas em pesquisas educacionais justifica-se porque os seres humanos são contadores de histórias que, individualmente e socialmente, vivem vidas relatadas, destacam que o estudo das narrativas representa a forma como nós seres humanos vivenciamos e experimentamos o mundo, e ressaltam que no contexto educativo aprendemos que a educação é a construção e re-construção de histórias de pessoas e coletivas e individuais dos atores que participam da construção do cotidiano da cultura escolar.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Diante do exposto, o objetivo geral da oficina foi manter um primeiro contato com os professores das escolas participantes da pesquisa do Grupo de Pesquisa em Políticas e Formação Docente (GEPForDoc) da Universidade Federal de Mato Grosso e ter acesso as suas narrativas, para posteriormente poder alcançar o objetivo da minha pesquisa que visa compreender a formação de professores que atuam nos anos iniciais, através da contação de história, como prática de leitura, no seu cotidiano de sala de aula, e como narram os desafios e dilemas do trabalho da contação de histórias em sala de aula.

REALIZAÇÃO DA PRIMEIRA OFICINA

A Oficina teve a duração de três horas, sendo iniciada com a contação da história: Qual o sabor da lua, de Michael Grejniec, utilizando o recurso pedagógico “tapete em feltro” e personagens em EVA (Figura 1). Após a contação da história, distribui dez kits contendo um tapete e os personagens da história, a fim de que os professores confeccionassem em grupo o seu próprio tapete (Figura 2). Os tapetes confeccionados pelos professores foram doados para as escolas.



Figura 1. O tapete da história e personagens.

Fonte: Acervo Pessoal



Figura 2. Momento da confecção do tapete. .

Fonte: Acervo Pessoal.

Vale explicitar que, o **tapete** é um recurso didático para contação de histórias, onde diferentes cenários são criados com elementos de diferentes histórias infantis, e os personagens podem transitar entre eles. Tal recurso cria um ambiente receptivo ao mundo imaginário das histórias infantis e a viagem proposta: uma história para escutar, ler e recontar. Na relação criança-livro-adulto: ele cria o desejo de ler nas crianças que leem pouco ou não leem, ele oferece ao adulto um meio simples de conduzir a criança ao mundo da leitura e desenvolvimento da oralidade. As crianças e o narrador devem sentar-se ao redor do tapete e na mesma simplicidade, o contador e seu jovem público tornam-se cúmplices. Ao contar a história os participantes podem assumir os personagens, imitando as suas vozes e trejeitos. Os fantoches podem ficar escondidos embaixo do tapete de uma forma que crie uma atmosfera de suspense ao retirá-lo para iniciar a história, ou ainda distribuída, previamente, entre os participantes que irão narrar a história escolhida.

Após a confecção dos tapetes, solicitei que um grupo recontasse a história para a turma, e para minha surpresa uma professora presente ao encontro, que havia levado a sua filha de 8 anos por não ter com deixá-la, solicitou que ela fizesse o reconto. A partir de tal pedido um grupo fez o reconto e em seguida a criança, mesmo não sendo o nosso foco de pesquisa a narrativa da criança.

Após a realização da oficina, com a participação de vinte e três professores, em 14 de maio de 2016, no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, foi possível o primeiro contato com os professores e ter acesso as suas primeiras narrativas sobre a oficina e a contação de histórias em sala de aula.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Solicitei que respondessem, por escrito, as seguintes questões: 1-A contação de histórias realizada hoje possibilitou quais aprendizagens para você? O que desta oficina você faria na sua prática docente? 2- Como você utiliza a contação de histórias na sua prática docente?

NARRATIVAS DOS PROFESSORES

Com relação a participação na oficina e as questões norteadoras, obtive narrativas as mais diversas, no entanto, o que mais me chamou atenção é que poucas professoras responderam com clareza quais aprendizagens foram realizadas. Como os professores não assinaram as suas narrativas, decidi identificar apenas o nome da escola, por este motivo ao transcrever os relatos os identifiquei utilizando a letra inicial do nome da escola mais o número dos professores. Vejamos algumas das narrativas que demonstram ter o entendimento sobre o valor pedagógico da contação de histórias:

“A contação de história é um recurso que faz parte das nossas vidas em diferentes contextos e momentos, sobretudo na infância ela tem um sentido e significância maior. Destaco a oficina como uma aprendizagem na minha vida, os diferentes recursos, até mesmo a roupa da contadora, a entonação da voz são detalhes que juntos formam um contexto encantador, estimulante, e favorável para provocar aprendizagens prazerosas” (Professora Z1).

A declaração dessa professora demonstrou que ela conhece o papel da contação de histórias no universo infantil, além de perceber que todos os elementos que compõem o cenário da história são importantes. Isso ficou claro quando ela cita a minha roupa, a entonação de voz, e o recurso utilizado.

Segundo Clandinin e Connelly (1988), o conhecimento prático dos professores vai sendo construído a partir de várias dimensões de aprendizagens, estes definem o conhecimento como o “corpo de convicções e significados conscientes ou inconscientes, que surgem da experiência íntima, social ou tradicional, e que se expressam nas ações da pessoa”.

O relato a seguir demonstra os dilemas na prática docente dessa professora. Vejamos:

“A contação foi muito gratificante. Colocarei em prática com meus alunos, estamos trabalhando a sequência didática onde tem os animais, a girafa trabalha a distância irei colocar em prática na próxima semana” (Professora Z3).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A fala da professora demonstra que ela gostou da oficina, mas não soube especificar com clareza qual história está trabalhando em uma sequência didática. É um exemplo da falta de objetividade ao narrar a sua prática em sala de aula.

A narrativa a seguir revela a postura de um professor que segue a risca o programa estabelecido pela instituição, em detrimento de atividades que aparentemente fujam ao planejamento.

“Tenho me prendido muito nos conteúdos que tenho que executar durante os trimestres, e hoje percebi o quanto é bom contar e ouvir histórias. A partir desta oficina vou tirar 30 minutos da minha aula para contar histórias mesmo as que não tem relação com os meus conteúdos. E pedir para meus alunos que contem da forma que eles entenderam”
(professora 0C-2)

Percebe-se que a oficina nesse caso, já contribuiu para a construção de um novo aprendizado, bem como a desconstrução de um modelo tradicional de prática em sala atrelado a um programa fechado que deve ser cumprido, onde irá introduzir a contação de história e dar voz aos alunos através do reconto.

Como lembra Nóvoa, (1995, p.25), a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante *investir* a pessoa e dar um estatuto *ao saber da experiência*.

O relato abaixo dá ênfase ao uso do recurso utilizado para contação de história. Vejamos:

“A contação foi de grande valia pois ainda não havia visto essa forma de contação no tapete. Confeccionaria com meus alunos esse tapete e incentivaria a contação por eles.”
(Professora OC 4)

A sensação da descoberta de uma nova estratégia de contação de história, demonstra que o professor precisa se atualizar sempre e as oficinas e cursos oferecidos são de grande importância para a formação docente, bem como em ter clareza da importância de envolver as crianças na confecção de recursos pedagógicos para contação de histórias. Tal postura estimula a criatividade da criança, além de envolvê-la no momento da contação de histórias.

Como foi relatado acima, a oficina foi ministrada para os professores das escolas envolvidas no projeto de pesquisa, no entanto uma professora trouxe a sua filha de sete anos para participar com ela da oficina. A presença dessa criança desencadeou uma experiência



interessante e significativa, que foi revelada através da fala da professora abaixo.

Após a contação de história, “Qual o sabor da lua”, solicitei que a criança fizesse o reconto, e ela o fez com uma timidez compreensível diante de uma plateia de adultos, mas com muita motivação e desenvoltura.

Mais uma vez uma narrativa que demonstra o encantamento pelo recurso utilizado e a participação de uma criança no momento da oficina.

“Novas formas de contar história. Adorei a criança contando história, colocaria meus alunos para apresentarem a história.” (Professora OC 5)

Outro relato onde fica claro que apesar do desconhecimento do tapete como recurso de contação, a professora afirma que irá confeccioná-lo juntamente com os seus alunos em sala de aula. Acredito que, a fala da professora indica um movimento lúdico de construção coletiva, bem como na valorização do potencial criativo das crianças.

No que se refere a utilização da contação de história na prática docente das professoras, obtive as seguintes narrativas:

Abaixo temos as narrativas das professoras que relataram a utilização da contação de histórias através dos diferentes gêneros textuais e leitura deleite. Vejamos:

“Todos os dias com um gênero textual diferente no início da aula como uma história deleite”. (Professora TN 1)

“Utilizo diariamente na leitura deleite e sempre que meus alunos estão agitados. Sempre deixo 1 aluno na semana contar a leitura deleite” (Professora OC4)

A maioria das professoras afirmaram que fazem leitura deleite diariamente, como uma prática integrante do planejamento das atividades de sala de aula. O termo “Leitura deleite” foi utilizado no PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa) , durante os anos de 2014 e 2015 . No entanto, uma professora mencionou que quando os alunos estão agitados ela faz leitura, entendendo que a leitura acalma. Essa afirmação nos leva, mais uma vez para prática de leitura com objetivo específico de prazer e como forma de manter a disciplina em sala.

A narrativa abaixo dá ênfase a utilização do Livro como o recurso mais utilizado na contação de história. Vejamos:

“A contação de história está sempre presente na minha prática através do planejamento, porém o recurso mais usado é o livro. Através da oficina pude conhecer uma nova prática de contar histórias.” (Professora Z5)

Na narrativa abaixo surgiu uma menção sobre a questão da sequência didática.

Vejamos:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

“Na minha opinião foi muito importante e contaria sim aos alunos, pois a criança aprende a sequência didática.” (Professora Z 1)

A narrativa acima traz um exemplo de um procedimento de ensino (sequência didática), em que um conteúdo específico é focalizado em passos ou etapas encadeadas, a fim de mediar o processo de aprendizagem. A sequência didática permite o estudo nas várias áreas de conhecimento do ensino, de forma interdisciplinar. Mais uma vez apareceu um termo de uma prática pedagógica trabalhada na formação do PNAIC (2012, p.27). A narrativa da professora pressupõe que nós já sabemos que ela utiliza sequência didática em sala de aula, associada a leitura, no entanto isso não ficou claro. Não podemos esquecer que alguns programas deixam suas marcas na formação dos professores, e que as vezes a sua prática em sala de aula ocorre de forma mecânica, deixando de lado outros aspectos relevantes da leitura, como por exemplo o simples prazer no ato de ler, respeitando a poética e a sensibilidade.

Finalmente, quero registrar o valor educacional das histórias como excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar, uma vez que as crianças gostam muito; levam a uma empatia com os alunos; a variedade de tema é praticamente inesgotável; pouca exigência de recursos materiais para sua aplicação e os vários aspectos educacionais que podem ser focados.

Além do mencionado acima, as histórias são bastante úteis para trabalhar vários aspectos internos da criança, como: o caráter, o raciocínio, imaginação, a criatividade, o senso crítico e até mesmo a disciplina. Quando falo de disciplina não é como algo imposto, mas como algo aceito e praticada espontaneamente pela criança. No momento que trabalhamos com algo que a criança realmente gosta, que sente que foi preparado com carinho para ela, as chances de ter uma postura atenta e participativa aumentam muito. Ela não irá gritar ou fazer bagunça se tiver algo muito mais interessante e prazeroso para fazer: ouvir uma história!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Oficina de contação de histórias e confecção de recurso pedagógico possibilitou o primeiro contato com as narrativas dos professores das Escolas municipais de Cuiabá, que compõem o grupo de escolas pesquisadas pelo GEPForDoc, onde foram abordadas questões relacionadas às suas práticas de leitura em sala, a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

possibilidade de utilização de diversos recursos didáticos para contação de histórias e as aprendizagens relacionadas a participação na oficina.

Durante a Oficina os professores demonstraram estar motivados para esse tipo de formação e abertos para novas práticas de leitura em sala de aula, utilizando diferentes recursos didáticos.

O contato com as narrativas dos professores ampliou o meu olhar sobre a questão da contação de histórias nos anos iniciais, como prática de leitura, bem como servirá como norte para o planejamento das próximas oficinas que serão ministradas, e conseqüentemente para a condução da minha pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABRAMOCICH, FANNY. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: **Planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento: projetos didáticos e sequências didáticas**, ano 1, unidade 06/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012. 48p.

BUSATTO, Cléo. **Contar & Encantar: pequenos segredos da narrativa**. – 7ª ed.-Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, J. Relatos de experiências e investigação narrativa. In LARROSA. Jorge (ORG.). **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona; Editorial Lertes, 1995.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e as histórias da sua vida**. In.Nóvoa. Vidas de professores. Porto. Porto Editora, 1995.

YUNES, Eliana. Contar para ler. A arte de contar histórias e as práticas de leitura. In. **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneas e seus olhares**. MORAES, F.; GOMES, L. (Orgs.).São Paulo: Cortez editora. 352 p.